

PRODUÇÃO ORAL EM LÍNGUA INGLESA NAS ESCOLAS PÚBLICAS: UMA PRÁTICA POSSÍVEL.

Joana Paula Costa Cardoso e Andrade

Escola Estadual de Ensino Fundamental Antônio Benvindo

Joanapaulaandrade_uab@hotmail.com

Luan da Silva Soares

Universidade Estadual da Paraíba

nanyak12@gmail.com

Jaqueline Alves da Silva

Universidade Estadual da Paraíba

nanyak12@gmail.com

Orientador: Leônidas José da Silva Júnior

Universidade Estadual da Paraíba

leonidas.silvajr@gmail.com

Resumo: Este estudo tem por objetivo apresentar estratégias de ensino e aprendizagem voltadas ao incentivo da produção oral em Língua Inglesa com alunos do ensino fundamental. Tais estratégias foram sistematizadas a partir das atividades desenvolvidas pelo PIBID – Subprojeto de Língua Inglesa do Centro de Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba na Escola Estadual de Ensino Fundamental Professor Antônio Benvindo. O trabalho que vem sendo desenvolvido na escola visa melhorar a qualidade do ensino e da aprendizagem de Língua Inglesa a partir da realização de atividades educativas marcadas pelo viés da ludicidade e da interatividade, de modo a promover e a incentivar atividades que valorizam a produção oral em língua inglesa. Tais ações são implementadas com as mais diferentes abordagens pedagógicas com o objetivo de tornar a sala de aula um espaço mais atrativo, de estimular a fala em Língua Inglesa durante a realização das aulas, promover a ampliação do vocabulário e sobretudo, de trazer uma alternativa possível para o desenvolvimento de habilidades ligadas ao ensino da oralidade em Língua Inglesa nas salas de aula da escola pública. No tocante aos aspectos teórico-metodológicos, buscamos o aporte teórico acerca dos processos de ensino e aprendizagem de Língua Inglesa, bem como observamos as contribuições de estudiosos a respeito das metodologias para o Ensino de Língua Estrangeira. Além disso, buscamos os

estudos que tratam da importância das atividades de produção oral para a aprendizagem de uma segunda língua. Assim, as considerações resultantes desse estudo caminham no sentido de contribuir para a reflexão acerca das metodologias adotadas para o ensino de Língua Inglesa nas escolas públicas.

Palavras-chave: Ensino de Língua Inglesa, métodos e técnicas de ensino, produção oral.

1. INTRODUÇÃO

De um modo geral, o ensino do inglês nas escolas está focado na transmissão de conteúdos por meio de métodos que, na maioria das vezes, contemplam exclusivamente o ensino da gramática. Assim, os aspectos relacionados a oralidade são relegados a segundo plano, o que torna o aprendizado de uma língua estrangeira uma tarefa improdutiva.

Ao traçarmos uma analogia simples com o processo de aquisição de uma língua materna, podemos perceber que o contato com os sons da língua é essencial para que o falante desenvolva sua capacidade de se comunicar nesta língua.

Partindo-se deste ponto, entendemos que se a instituição escolar realmente deseja oferecer um ensino de qualidade, um ensino de língua estrangeira eficaz, é preciso que o professor enfatize os aspectos de produção oral e de percepção auditiva em seu trabalho em sala de aula.

Na tentativa de colaborar com as reflexões acerca dos processos de ensino e aprendizagem de língua inglesa, este estudo registra algumas das atividades desenvolvidas pela equipe do PIBID/UEPB/CH na Escola Estadual de Ensino Fundamental Professor Antônio Benvindo.

O trabalho que vem sendo desenvolvido visa melhorar a qualidade do ensino e da aprendizagem de Língua Inglesa a partir da realização de atividades educativas marcadas pelo viés da ludicidade e da interatividade, de modo a promover e a incentivar situações que valorizem a produção oral em língua inglesa na sala de aula.

Tais atividades são implementadas com as mais diferentes abordagens pedagógicas com o objetivo de tornar a sala de aula um espaço mais atrativo, de estimular a fala em Língua Inglesa durante a realização das aulas, promover a ampliação do vocabulário, além de elevar a autoestima dos educandos no sentido de revelar a capacidade que cada um possui de aprender uma nova língua.

Nesse sentido, o trabalho realizado em sala de aula se justifica enquanto oportunidade de fazer com que os alunos de língua estrangeira, desde seu primeiro contato institucional com a Língua Inglesa, possam perceber com naturalidade a produção oral em língua estrangeira.

2. QUADRO TEÓRICO

O ensino de uma língua estrangeira deve apresentar como bases de sua realização a interação entre os sujeitos envolvidos na experiência educativa e o estabelecimento de uma relação de confiança entre professores e alunos a fim de conseguir criar um ambiente capaz de promover uma comunicação efetiva e favorecer o processo de aquisição e apropriação de uma outra língua.

A relação professor-aluno, na história da educação, tem sido tema de uma série de estudos que buscam identificar como esta relação se dá no espaço da sala de aula e quais são suas consequências para o processo de ensino-aprendizagem.

Para Cunha (2004) o estabelecimento de uma satisfatória relação entre professor e aluno não está baseado somente em critérios afetivos, mas também em critérios técnicos como a seleção de conteúdo, a metodologia do ensino e a preocupação com a aprendizagem e o nível de satisfação.

No ensino de língua estrangeira, esta relação alia-se a novas preocupações. Entendendo-se que o ensino de uma nova língua deva ser considerado como uma experiência educacional, intrínseco a seu caráter educativo, reconhecemos também a existência de uma série de fatores capazes de interferir nesse processo, uma vez que educação se dá entre *peessoas*, num determinado espaço físico e social. E isso implica o envolvimento de questões emocionais, psicológicas, materiais, políticas, sociais e humanas a serem consideradas de forma integrada.

Ao longo da evolução das pesquisas relacionadas ao ensino de uma língua estrangeira, inúmeras teorias e métodos foram desenvolvidos a fim de responder uma questão crucial: *Qual a melhor maneira de se aprender uma nova língua?*

De acordo com Celce-Murcia (2001), nas abordagens mais tradicionais o professor é apontado como responsável pelo desempenho do aluno e cabe a ele controlar todo o processo. O professor é a autoridade na sala de aula, é ele quem decide sobre o processo de ensino sem considerar as necessidades dos alunos.

Nestes termos, a língua é ensinada como algo estático, *morto*, professor e aluno somente entram em contato com sua parte sistemática, estrutural. São ensinadas regras, frases feitas, diálogos artificiais, conhecimentos fáceis de serem controlados e aferidos.

Como consequência dessas práticas, ainda hoje utilizadas em larga escala, construiu-se entre os alunos a noção de eterna *estrangeirização* da língua, ou seja, embora se estude a língua por anos a fio (na escola pública, pelo menos 7 anos) o aluno não consegue estabelecer uma relação de

identificação com a língua de um outro país, por não conhecer os traços culturais de um outro povo, de uma outra nação.

Enquanto estes métodos ocupavam as salas de aula, pesquisadores ligados ou não à área educacional, desenvolveram diversos estudos a fim de tornar o ensino de línguas mais aprazível. É importante destacar que, de uma forma geral, tais estudos preocupavam-se com vários aspectos relacionados ao ensino e a aprendizagem de uma nova língua, questionando materiais e métodos utilizados, a postura de professores e alunos, as condições físicas e materiais para a execução das aulas e as características psicológicas envolvidas em todo o processo.

Neste novo contexto, compreende-se que é exigido um novo papel para o professor e também para o aluno:

O papel do professor é o de facilitador e guia, e não o de dono de todo conhecimento. Os alunos são encorajados a construir significado através de interações linguísticas autênticas com outras pessoas. Eles tem a oportunidade de focar seu próprio processo de aprendizagem através do entendimento de seus próprios estilos de aprendizagem e através do desenvolvimento de estratégias para um aprendizado autônomo (BROWN, 2001, p. 43, tradução nossa)¹.

O ensino de língua estrangeira, nesta perspectiva, reconhece a autonomia dos sujeitos no processo de ensino e aprendizagem de uma nova língua. Assim, professor e aluno são responsáveis por todo o processo. É preciso, no entanto, diferenciar estes níveis de responsabilidades uma vez que o professor tem o preparo técnico para uma intervenção pedagógica respondendo pelas operações globais do ensino, como planejamento, seleção de material, processos avaliativos, entre outros. Faz-se necessário, também, que o professor que seja capaz de usar a língua-alvo de modo fluente e apropriado.

Este preparo, contudo, não faz do professor uma autoridade, e sim um orientador, um facilitador de processo, já que o aluno também pode e deve contribuir em grande parte das escolhas e tomadas de decisão do professor.

O aluno também ganha um novo papel: torna-se um elemento ativo, autor de seu próprio conhecimento, alguém que constrói caminhos e alternativas a fim de dominar a língua não apenas como um sistema, mas como uma ferramenta que vai ajudá-lo a conhecer novas pessoas e novas culturas, novas formas de pensar e agir.

¹ The role of the teacher is that of facilitator and guide, not an all-knowing bestower of knowledge. Students are therefore encouraged to construct meaning through genuine linguistics interaction with other. They are given opportunities to focus on their own learning process through an understanding of their own styles of learning and through the development of appropriate strategies for autonomous learning.

Nessa alternativa, a tão discutida relação professor-aluno dá lugar à construção de uma relação de confiança, na qual o professor assume o papel de um facilitador de processos, de orientador. O professor é *alguém* que tem a responsabilidade de ajudar a *outros* a construir conhecimento, a se apropriar de um precioso instrumento de comunicação, a descobrir uma nova língua.

Logicamente, essa abordagem exige uma postura diferenciada dos agentes envolvidos na atividade de ensino e aprendizagem de uma nova língua, pois sua intenção é promover a comunicação e esta envolve variadas linguagens e se dá de variadas formas seja através da fala, da leitura, do ouvir, dos gestos, dos estímulos visuais e táteis, todas as formas combinadas ou não, capazes de transmitir uma mensagem.

Assim uma gama de opções é oferecida a professores e alunos. No entanto a premissa básica é a interação e o reconhecimento de que cada pessoa carrega consigo características próprias e únicas que precisam ser consideradas e respeitadas.

Sobre a atividade do professor de língua inglesa, Oliveira (2009 p. 143) observa que:

Fazer diferente não significa que o professor vai virar a sala de aula de cabeça para baixo e pedir que os alunos façam coisas do outro mundo. Fazer diferente é trabalhar, também com as habilidades de ouvir e falar. É ter a consciência de que se o aluno precisa aprender a língua inglesa em um mundo globalizado requer certa fluência na língua, isso significa ser capaz de ler, escrever, ouvir e falar.

Dessa forma, entendemos que as atividades lúdicas, quando bem orientadas, podem contribuir de maneira extremamente positiva para o aprendizado de uma língua estrangeira.

Após uma breve discussão a respeito das perspectivas sobre o ensino de língua, na seção seguinte abordaremos de forma mais detalhada as atividades desenvolvidas, bem como apontaremos as impressões dos alunos a respeito dos temas abordados.

3. METODOLOGIA

As atividades realizadas pela equipe do PIBID na Escola Estadual de Ensino Fundamental Professor Antônio Benvindo que deram origem a este artigo foram desenvolvidas junto a turma do 6º ano do Ensino Fundamental, no período referente ao segundo semestre do ano letivo de 2016.

Os conteúdos abordados nas atividades em destaque compõem as unidades temáticas 4 e 5 do livro *Discovering English*, de autoria de Maria de Melo, adotado pela escola.

É importante destacar que este artigo, como não poderia deixar de ser, se refere apenas a um recorte dentre as ações realizadas em sala e que no decorrer do cotidiano escolar, foram trabalhados os conteúdos pertinentes, bem como foram realizadas atividades que buscaram desenvolver as demais habilidades linguísticas dos alunos, que não somente a oralidade.

Também gostaríamos de ressaltar que em nossa intenção de inserir, cada vez mais, a prática oral em sala de aula, nos regamos de materiais lúdicos, fugindo das abordagens típicas do cotidiano escolar, e adaptando algumas dinâmicas para a realidade da sala de aula. Algumas ideias foram adaptadas a partir da obra *Pronunciation Games* de Mark Hancock (1995), material rico em atividades lúdicas para a prática de pronúncia, que também apresenta instruções sobre como realizar as dinâmicas e atividades que favoreçam a produção oral em língua inglesa.

Nossa proposta buscou realizar um *link* entre as atividades propostas no livro base adotado na turma e as ideias apresentadas por Hancock (1995), usando estratégias e materiais extras para assim garantir uma melhor participação e aproveitamento dos alunos em sala.

No tópico seguinte, procederemos à descrição das atividades realizadas em sala de aula que buscaram incentivar a produção oral em Língua Inglesa.

3.1. Descrição das atividades:

I. Jogo de perguntas e respostas sobre países e nacionalidades

A primeira atividade proposta foi o **jogo de perguntas e respostas sobre países e nacionalidades** em que a turma foi organizada em duas equipes e foi solicitado que cada equipe elaborasse perguntas para o grupo adversário. As perguntas consistiam em, a partir do nome de uma personalidade famosa, os alunos deveriam empregar a forma interrogativa:

Where is she /he from?

E a equipe adversária deveria elaborar a resposta completa com a informação sobre o país de origem.

A partir da realização dessa atividade podemos fazer algumas considerações a respeito da dinâmica em sala de aula. Inicialmente é importante destacar a participação de todos os alunos presentes. Isso demonstra que os alunos não somente se sentiram à vontade para participar da atividade como também se sentiram confiantes para elaborar suas hipóteses e se comunicar oralmente em Língua Inglesa.

É possível que esta participação e esta segurança tenham sido encorajadas pela prática da consulta ao livro didático. Para a elaboração das perguntas e das respostas, os alunos puderam consultar seção **Grammar** do livro didático adotado na turma, que continha o vocabulário sobre **Countries and nationalities**.

Outro ponto a ser destacado se refere ao processo de aprendizagem. Em atividades nas quais se destacam a construção de hipóteses e a aprendizagem colaborativa, temos um processo horizontal de aprendizagem, ou seja, sai de cena a figura do professor centralizador do saber e se apresentam outros atores que compartilham experiências e conhecimentos, que constroem saberes de forma coletiva.

II. Jogo Batalha Naval

A segunda atividade que gostaríamos de destacar é o **Jogo Batalha Naval**. Para o trabalho em sala de aula, fizemos uma variação do jogo para que a turma aprendesse a pronunciar os números em inglês. O tabuleiro clássico foi desenhado na lousa com a localização dos navios feita somente através dos números. Para acertar os navios, era necessário que os alunos identificassem a célula para o tiro por meio de dois números: um para a linha e outro para coluna.

A respeito desta atividade, é importante destacar, mais uma vez, a participação dos alunos, bem como o entusiasmo de cada um para participar do jogo. Mais uma vez foi incentivada a consulta ao livro didático, nesta vez na seção **Grammar** que continha o vocabulário sobre **Cardinal numbers**.

Por fim, a respeito das atividades realizadas, temos ainda alguns aspectos a serem considerados: O primeiro deles consiste no fato de que estamos trabalhando com crianças e adolescentes que estão tendo o primeiro contato institucional com o estudo da língua inglesa, uma vez que todos são oriundos da escola pública, em que a obrigatoriedade do ensino de língua estrangeira ocorre somente a partir do sexto ano.

O segundo ponto agrega aspectos que se complementam: de um lado, a boa receptividade com relação a equipe do PIBIB e a excelente participação dos alunos nas atividades propostas. O clima de cordialidade e de ludicidade gerado na sala de aula favoreceu não só a participação de todos os alunos, mas também a contribuição de cada um, a partilha de conhecimentos e experiências.

III. Processo avaliativo

A avaliação da aprendizagem dos estudantes durante a realização das atividades se deu de forma contínua e sistemática uma vez que entendemos que a avaliação se refere ao processo educacional como um todo, ou seja, ela participa de um sistema mais amplo e deve ser integrada aos objetivos institucionais da instituição. Por isso mesmo, deve permear todo o processo de aprendizagem, ocorrendo de forma planejada.

Além disso, a avaliação deve ser integral, considerando o estudante como um ser total, que se desenvolve integralmente, e que, portanto, pode ser avaliado em seus mais diversos aspectos.

Assim, em nosso processo avaliativo consideramos o desempenho ao longo das atividades desenvolvidas, considerando sua participação e seu envolvimento na realização das atividades propostas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação na escola pública necessita estar aberta a novos caminhos, meios para se conseguir atingir o aprendizado, no qual o professor é peça fundamental e deve estar atento fazendo com que os alunos se comuniquem e interajam um com os outros, levando-os a refletir, discutir e questionar as diferentes situações, utilizando a língua inglesa no seu cotidiano.

As atividades propostas atribuíram um caráter bastante dinâmico às aulas uma vez que proporcionou a interação entre os alunos, a conversa, a organização em equipes, a competição durante os jogos. Tal aspecto cria um ambiente saudável de interação e de participação em sala de aula, permitindo que o estudante se expresse de modo mais livre e mais informal.

Este caráter mais envolvente das aulas favoreceu a permanência na sala de aula, bem como a assiduidade, conforme podemos observar no acompanhamento da frequência através do diário de classe, no qual foi possível verificar uma frequência média de 98% durante a realização das atividades.

Além disso, também foi possível observar avanços significantes no que se refere ao domínio dos aspectos estruturais e linguísticos esperados para série, bem como a ampliação do uso autônomo de uma língua estrangeira.

Gostaríamos de concluir nossa discussão com um pensamento de Lima a respeito do ensino de Língua Inglesa nas escolas públicas:

Resolvi dar uma abordagem um pouco mais encorajadora a minha análise e defender a proposta de que é possível fazer com que o ensino de inglês nas escolas públicas funcione. Para isso, é preciso que haja atitude, responsabilidade, profissionalismo, compromisso e, acima de tudo, amor por aquilo que nos propomos a fazer. (LIMA, 2009; p.160)

Assim como Lima, entendemos que os aspectos subjetivos que estão envolvido na atuação do profissional da educação são fundamentais para a qualidade do ensino. Nesse sentido, o Programa de Iniciação à Docência (PIBID) é um caminho para que os alunos em processo de formação inicial descubram sua aptidão para o trabalho em sala de aula, construam elementos que possam sustentar sua prática docente de modo eficaz.

Sobretudo, o PIBID possibilita ao estudante entender que o espaço da sala de aula também é um espaço de produção de conhecimento, é um espaço em que necessariamente deve ser estabelecido uma relação entre teoria e prática. E a presença da equipe do PIBID no espaço escolar traz para o profissional da educação a possibilidade de renovação de suas práticas, o compartilhamento de ideias e experiências, e acima de tudo, a valorização do profissional docente.

Referências

BROWN, H. Douglas. **Teaching by principles: an interactive approach to language pedagogy**. 2.ed New York: Longman, 2001

CELCE-MURCIA, Marianne. **Teaching English as second or foreign language**. 3ed. Boston: Thomsom Learning, 2001.

HANCOCK, Mark. **Pronunciation Games**. Cambridge University Press. 1995.

LIMA, D. C. **Ensino e Aprendizagem de Língua Inglesa: Conversas com especialistas**. São Paulo: Parábola, 2009.

OLIVEIRA, A. P. de. Abordagens Alternativas no Ensino de Inglês In: LIMA, D. C. **Ensino e Aprendizagem de Língua Inglesa**: Conversas com especialistas. São Paulo: Parábola, 2009.